

O GESTO DA METÁFORA NA REFERENCIAÇÃO: TECENDO OBJETOS DE DISCURSO PELO VIÉS DA LINGUAGEM FIGURADA

SOLANGE COELHO VEREZA*

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo geral discutir como a metáfora participa da construção de objetos de discurso e, mais especificamente, de que modo as noções de *frame online* e *offline* podem ser recrutadas no desenvolvimento de uma proposta analítica que busque a articulação entre as dimensões cognitiva e textual/discursiva da linguagem metafórica em uso, e não apenas no sistema. Essa articulação, também apoiada por uma discussão dos conceitos e unidades de análise que vem surgindo a partir de vertentes mais recentes dos estudos da metáfora, é abordada como um ponto de partida para se explorar, no âmbito da linguagem metafórica, a referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003). Esse processo, ao transcender a simples referência a supostos objetos de mundo, implica a construção de objetos de discurso através de práticas discursivas, social e culturalmente situadas (ibid.). Com base nessa reflexão e nos conceitos apresentados, três textos, com linguagem metafórica, são analisados, sendo que dois deles são identificados como exemplos de “nichos metafóricos”.

Palavras-chave: metáfora; *frame*; referenciação

ABSTRACT: This paper aims to discuss how metaphor participates in the construction of objects of discourse and, more specifically, how the notions of *frame online* and *offline* can be recruited in the development of an analytical proposal which seeks the articulation between the cognitive and the textual / discursive dimensions of metaphorical language in use, and not only in the system. This articulation, also supported by a discussion of the concepts and units of analysis that have emerged from more recent trends in metaphor studies, is approached as a starting point to explore, in the context of metaphorical language, the process of referentiation (MONDADA; DUBOIS, 2003). This process, when transcending the simple reference to presumed world objects, implies the construction of discourse objects through discursive, social and culturally situated practices (ibid.). Based on this reflection and on the concepts presented, three texts containing metaphorical language will be analyzed, two of which are identified as examples of “metaphorical niches”.

Keywords: metaphor; *frame*; referential process.

1. A LINGUAGEM METAFÓRICA – OU “NÃO CONSIGO DIZER DE OUTRO JEITO”

Em uma determinada cena do filme *Um limite entre nós (Fences)*, produzido em 2016 (dir. Denzel Washington) e baseado na peça de teatro homônima, escrita por August Wilson (1987), o personagem encenado pelo autor Denzel Washington,

* Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), Brasil. svereza@uol.com.br

Troy Maxson, tenta explicar a sua esposa os seus conflitos diante da vida e, principalmente, da morte, para justificar o fato de estar saindo com uma outra mulher. Para isso, faz uso de uma analogia com o baseball, esporte que cultua e, ao mesmo tempo, pelo qual sente enorme frustração, por não ter tido oportunidade de se tornar um jogador profissional – apesar de seu grande e notório talento –, devido ao fato de ser negro (nas décadas de 1940/1950, nos EUA). Em sua fala, há inúmeras ocorrências de expressões típicas do universo do baseball: *strikeout*, *pitch*, *first base*, *curve ball*, *to steal second*, entre outras. Sua esposa, Rose Maxson, não é convencida por seus argumentos, metaforicamente construídos em torno do baseball: “*Não estamos falando de baseball; estamos falando de você ir para a cama com outra mulher*”, a que Troy responde: “*Rose, você não está me ouvindo: estou fazendo o melhor que posso para explicar isso para você!*”.

A linguagem figurada, para Troy, não parece ser, portanto, uma escolha retórica plenamente deliberada, para fins de persuasão ou manipulação, em um evento discursivo episódico. O mundo do baseball, como é mostrado no filme como um todo, e não apenas na cena mencionada, parece estruturar de tal modo o universo cognitivo-afetivo do personagem, que o faz perceber, conceber, falar e atuar sobre vários domínios da vida em termos desse esporte. Para usarmos os conceitos da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC, introduzida formalmente por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e sistematizada e cunhada como tal por Lakoff (1993)), o domínio-fonte BASEBOL, que é uma rica fonte de projeções cognitivas para a conceptualização de vários aspectos mais abstratos da vida, na cultura norte-americana de um modo geral (LAKHWANI; ST. CLAIR, 2014), se exacerba, por razões tanto individuais, frutos de experiências particulares, quanto sócio-históricas, na visão de mundo (UNDERHILL, 2013) de Troy Maxson. Em outras palavras, a metáfora conceptual A VIDA É UM JOGO, em sua forma mais específica (ou submetáfora) A VIDA É UM JOGO DE BASEBOL, parece estruturar sociocognitivamente parte importante de uma dada cultura (KÖVECSES, 2005), como também percepções individuais, que emergem de vivências particulares, sempre articuladas, de algum modo, a essa cultura.

Mesmo abordando analiticamente a fala do personagem, na cena em questão, como um espaço de evidências linguísticas, inferidas a partir dos vários veículos (seguindo a terminologia usada por Cameron e Maslen (2010), com base em Richards (1936), para se referirem às marcas linguísticas metafóricas) licenciados pela metáfora conceptual A VIDA É UM JOGO DE BASEBOL, a dimensão cognitivo-discursiva da linguagem metafórica em questão não parece ser plenamente contemplada apenas pela identificação de tais metáforas linguísticas. Uma análise desse tipo, frequente em pesquisas desenvolvidas a partir da TMC, tem como objetivo primordial revelar que metáforas conceptuais estariam subjacentes às marcas linguísticas por elas licenciadas, que elementos do domínio-fonte teriam sido acionados no mapeamento e talvez, ainda, como a(s) metáfora(s) conceptual(ais) revelada(s) se articularia(m) a outras, também presentes no sistema conceptual. Ou seja, o interesse, dentro de uma visão mais ortodoxa da TMC, recairia sobre a metáfora no *pensamento*, e a linguagem seria apenas um espaço de instanciação ou atualização dessa metáfora.

Mesmo não aparentando plena deliberalidade (STEEN, 2011) e/ou intencionalidade na orientação metafórica de sua fala, parece não haver dúvidas que Troy Maxon, a partir do uso de linguagem figurada, tece uma argumentação em torno de um determinado ponto de vista. Ao se referir a sua vida e à morte como um jogo de basebol, ele constrói, tendo como base principal a linguagem metafórica, objetos de discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003) *no* discurso. Para isso, projeta conhecimentos conceituais, lexicais e enciclopédicos (CARSTON, 2002), acerca de basebol (incluindo, neste último, sua experiência paradoxalmente positiva e negativa com o esporte, que lhe é fonte de prazer e, ao mesmo tempo, frustração), a fatos – e escolhas – de sua vida que considera problemáticos, além da maneira que a eles reage.

Sua fala, portanto, do ponto de vista cognitivo-discursivo, não deveria ser abordada, pelo linguista cognitivo interessado no funcionamento discursivo da metáfora, apenas como um “depositário” de evidências materiais licenciadas por metáforas conceituais subjacentes. A identificação e a análise dessas metáforas certamente contribuiriam para a compreensão da natureza sociocognitiva dos sistemas conceituais de determinadas culturas e do modo como esses são revelados na linguagem. E isso certamente acarreta um ganho epistemológico que não pode ser ignorado. No entanto, o funcionamento da linguagem metafórica na ação discursiva, principalmente no que se refere a seu papel na construção de objetos de discurso, ou seja, na referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003), não pode ser negligenciado, como o foi, até recentemente, dentro do paradigma sociocognitivista.

Nesta perspectiva, este trabalho tem como objetivo geral discutir como a metáfora participa da construção de objetos de discurso e, mais especificamente, de que modo as noções de *frame online* e *offline* (VEREZA, 2013a) podem ser recrutadas no desenvolvimento de uma proposta analítica que busque a articulação entre as dimensões cognitiva, textual e discursiva da linguagem metafórica em uso, e não apenas no sistema (STEEN, 2006).

Em relação, mais especificamente, à tessitura que surge a partir da metáfora em uso, este trabalho se alinha à visão de Fiorin (2008), que sustenta que as figuras (no caso, metáfora e metonímia) “são processos de construção do sentido que não dizem respeito à palavra isolada, mas que são produzidas e compreendidas na sintagmática do texto” (FIORIN, 2008, p. 72). A essa visão textual/discursiva, buscaremos articular a dimensão cognitiva, de natureza tanto estável quanto episódica, tendo como base conceitos e unidades de análise, que serão discutidos mais adiante e que surgiram a partir de vertentes mais recentes dos estudos da metáfora. Essa articulação do textual/discursivo, pelo viés cognitivo, nos parece ser um ponto de partida promissor para se explorar, no âmbito da metáfora, a referenciação, processo que, ao transcender a simples referência a supostos objetos de mundo, o que pressupõe uma visão de língua como “um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17), implica a construção de objetos de discurso “através de práticas discursivas social e culturalmente situadas” (*loc.cit.*).

2. O ÂMBITO DA METÁFORA: LINGUAGEM, PENSAMENTO E DISCURSO

Pelo menos desde Aristóteles, a metáfora tem sido objeto de reflexão, sendo a figura que, entre todas as classificações dos tropos, sempre foi alvo dos holofotes teóricos mais luminosos. Na *Arte Poética*¹, Aristóteles oferece quatro definições para a metáfora, sendo que apenas a última, a que trata da analogia, mantém ainda alguma pertinência com o que hoje é tradicionalmente conhecido como metáfora (as outras três, que relacionam, por exemplo, o gênero à espécie, estariam mais relacionadas com o que entendemos como metonímia ou sinédoque). Já na *Arte Retórica*², o filósofo ressalta o papel dessa figura não só na poesia, mas também na prosa argumentativa: uma boa metáfora segundo ele, promoveria clareza, ao colocar as coisas “diante de nossos olhos” ou torná-las mais vívidas.

Sendo assim, Aristóteles, de alguma forma, já ressaltava o papel cognitivo-discursivo da metáfora. O que é conhecido pelos teóricos contemporâneos como “visão tradicional da metáfora” não tem origem, portanto, no pensamento do filósofo grego, mas sim no que Genette (1975) trata como “reducionismo da retórica”, que, por muitos séculos, restringiu as figuras da linguagem, principalmente a metáfora, a um papel puramente decorativo, sem qualquer valor discursivo ou cognitivo relevante. Foi apenas a partir do reconhecimento do papel cognitivo da metáfora na produção de sentidos, que se iniciou com Richards (1936) e Black (1962), e culminou com a publicação do livro *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson (1980), que a metáfora, como objeto de reflexão, libertou-se do estreitamento que a abordagem reducionista lhe infligia.

A pesquisa em metáfora passou a ter um impacto significativo na linguística cognitiva, uma vez que seu objeto, com seu novo estatuto epistemológico, foi elevado à categoria de figura de pensamento, por ser, em grande parte, responsável pelo modo com que falamos, pensamos e agimos (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Ver uma coisa em termos de outra passou a significar não apenas falar dessa coisa de uma maneira especial, decorativa e supérflua, mas também construí-la no nosso sistema conceptual. O uso da metáfora na linguagem, portanto, passou a não interessar, aos linguistas cognitivistas, como questão de pesquisa, a não ser como um campo empírico em que as metáforas cognitivas seriam evidenciadas por “expressões metáforas linguísticas”, abordadas como simples marcas, evidências ou indicadores daquilo que realmente importava: a metáfora conceptual subjacente.

No entanto, há mais de pelo menos duas décadas, muitos estudiosos da metáfora passaram a demonstrar certa inquietação com esse excessivo foco na mente (mesmo sendo esta corporificada) e com a aparente indiferença que se passou a ter com “o mundo lá fora” (GIBBS, 1999): um mundo de natureza

¹ Domínio Público. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObra-Form.do?select_action=&co_obra=2235. Acesso em 12 Fev. 2017.

² ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Introdução Goffredo Telles Júnior. Tradução Antônio Pinto de CARVALHO. Rio de Janeiro: Editora Ediouro - Tecnoprint, 1979.

sociocultural, construído pelo e no discurso, e que, dessa forma, não teria como não afetar - e não ser afetado - pela metáfora.

Como conjugar, portanto, os ganhos teóricos resultantes da “virada cognitiva”, que libertou a metáfora da “escravidão tropológica” (VEREZA, 2012), com os novos olhares em direção ao seu funcionamento no discurso? As tendências “cognitivo-discursivas” têm ampliado seu objeto em direções distintas, porém complementares. A Teoria Crítica da Metáfora (CHARTERIS-BLACK, 2004), com base na Análise Crítica do Discurso, passou a tratar a dimensão político-ideológica da metáfora conceptual, a partir de uma abordagem pragmática de seu funcionamento no discurso. Os trabalhos de Carvalho (2012), Malta (2016) e Donato (2016) são alguns exemplos de pesquisas desenvolvidas no Brasil, que seguem essa tendência, tendo como foco, respectivamente, o discurso sobre o terrorismo em um jornal norte-americano, a mulher em manchetes de jornal, e o racismo nas redes sociais. Mesmo tratando do funcionamento da metáfora no discurso, esses estudos investigam, também, o suporte conceptual (metáforas e *frames*) que ancoram a linguagem figurada em uso.

A busca da articulação entre as dimensões cognitiva e discursiva da metáfora, no entanto, passou a requerer conceitos e unidades de análise específicos que possam dar conta dessa nova abordagem. Entre as propostas desenvolvidas, ressaltam-se os conceitos de *metaforema* (CAMERON e DEIGNAN, 2007), *metáfora sistemática* (CAMERON e MASLEY, 2009), *metáfora discursiva* (ZINKEN, 2007), *metáfora situada* e *nicho metafórico* (VEREZA, 2013a; 2013b). Nas definições dessas unidades, há certamente aspectos que as diferem, mas os elementos em comum, mais relevantes ao propósito deste trabalho, dizem respeito à inclusão, no objeto de estudo, de fatores específicos do contexto intra e extratextual que possam desempenhar algum papel na produção de sentidos por meio de linguagem metafórica, sempre considerando a sua articulação com os aspectos relativos a representações cognitivas mais estáveis, como *frames* (FILLMORE, 2006), Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987) e, é claro, metáforas conceptuais.

As análises desenvolvidas na seção 3 deste trabalho irão recrutar, mais diretamente, os conceitos de metáfora situada e nicho metafórico. O primeiro trata de uma metáfora cognitiva, nem sempre explicitada no texto, mas que subjaz a toda a argumentação tecida a partir de desdobramentos textuais dessa metáfora. A metáfora situada geralmente é episódica e deliberada; já o nicho metafórico pode ser definido como :

de uma única metáfora superordenada (a metáfora situada). Ao mesmo tempo que metáforas novas são criadas a partir de uma única (explícita ou implícita) que as une semântica e discursivamente (pois, em seu conjunto, criam o objeto de discurso), as redes de sentido que se formam textualmente se articulam a instâncias mais estáveis do nosso sistema conceptual, sejam *frames* ou metáforas conceptuais. (MOURA, VEREZA e ESPÍNDOLA, 2013, p. 188)

Ou seja, o nicho metafórico representa um uso específico de linguagem que privilegia, e de algum modo, explícita, a articulação aqui enfocada. Os níveis

offline (estável) e *online* (episódico) da produção de sentidos, esquematizados no quadro 1, entrelaçam-se na tessitura do texto, tendo como fios, neste tecido, a linguagem metafórica.

Quadro 1³- níveis de cognição: sistema x uso.

NIVEL ESTÁVEL (sistema)	NIVEL EPISÓDICO (uso)
Metáforas conceituais	Metáforas situadas
<i>Frames offline</i> , MCIs Esquemas imagéticos	<i>Frames online</i>
Discurso	discurso

3. A METÁFORA NA REFERENCIAÇÃO

Dentro do co(n)texto do nicho metafórico, não é difícil observar a construção do objeto de discurso ecoando um outro domínio (*online* e *offline*: o da metáfora situada e o da conceptual), evocado, explicitamente, na construção metafórica do objeto A, a partir da construção-suporte do objeto B. No caso da linguagem metafórica encontrada em nichos metafóricos, o universo textual é largamente dinâmico; as palavras só adquirem sentido ao serem projetadas em (ou receberem projeções de) outras desse universo *online* - episódico -, em constante diálogo com o *off-line* - *estável* -. Esse entrelace cognitivo-discursivo entre os níveis estável e episódico remete ao fato de que, segundo Koch (2009),

todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada (memória discursiva, modelo textual), “publicamente” alimentada pelo próprio discurso (Apothéloz & Reichler-Béguelin, 1995:368), sendo os sucessivos estágios dessa representação responsáveis, ao menos em parte, pelas seleções feitas pelos interlocutores, particularmente em se tratando de expressões referenciais. (KOCH, 2009, p. 21)

No caso da construção do objeto em nichos metafóricos, como veremos na seção a seguir, a memória discursiva encontra amparo na memória a longo prazo, que, por sua vez, ancora-se em representações cognitivas mais estáveis, sociocognitivamente compartilhadas, que estão na base de nosso do sistema conceptual, como *frames*, modelos cognitivos idealizados, esquema imagéticos e metáforas e metonímias conceptuais (LAKOFF, 1987). Esse suporte sociocognitivo, portanto, pode ser visto como uma fonte de expectativas e pressupostos (*a priori*), que serão evocados na referenciação que, por sua vez, gerará novas expectativas, de caráter textual, que farão parte da memória tanto discursiva quanto operacional (KOCH, 2009).

A rede lexical recrutada nesse processo não apenas confere coesão lexical ao texto, mas atua como rica fonte de mapeamentos *online*. Ou seja, como será

³ Fonte: VEREZA, 2016, p. 568

demonstrado na análise do texto 1, a seguir, as escolhas lexicais são definidas a partir da projeção de elementos semânticos de um determinado domínio fonte para suas contrapartes semânticas - lexicalmente marcadas - emergentes do domínio alvo (o objeto de discurso em construção).

Com base nas categorias propostas por Roncarati (2010), esse uso de linguagem metafórica poderia ser classificado como “remissão por (re) categorização predicativa” (p.147). No entanto, segundo Vereza e Vieira (2012),

expressões linguísticas metafóricas podem concorrer para o processo de referenciação sem remeter, explicitamente, a algum objeto introduzido anteriormente, como em casos de anáforas indiretas, em que “não ocorre uma *retomada de referentes*, mas sim uma *ativação de novos referentes*”, tendo, no entanto, “uma motivação ou ancoragem no universo textual” (MARCUSCHI, 2005: 53). [...] esse seria um caso de “ativação ancorada por anáfora indireta e associativa”, sendo essa última a introdução de um novo objeto de discurso a partir de algum tipo de relação meronímica com outros objetos presentes no contexto. (VEREZA e VIEIRA, 2012, p. 57)

Em uma perspectiva não representacional (ou “não-objetivista”) de referenciação, a anáfora não se limita a organizar o texto do ponto de vista referencial, mas desempenha um importante papel na orientação argumentativa. Ou seja, o objeto é construído não apenas a partir de um viés ideacional, mas também interpessoal (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Como sugere Koch (2006), após discorrer sobre a rotulação e diferentes tipos de anáfora,

[...]os rótulos (avaliativos), frequentemente metafóricos, mobilizados para construir os objetos-de-discurso, têm o poder de orientar o interlocutor para determinadas conclusões (KOCH, 2006, p. 271).

Nesse sentido, Koch (2001) ainda afirma que, em relação à seleção lexical na construção das expressões referenciais, a escolha do nome-núcleo metafórico “é importante para realizar a avaliação e, em decorrência, estabelecer a orientação argumentativa do texto” (KOCH, 2001, p. 84), e cita, como exemplo, o uso de “a gula tributária”, no seguinte excerto:

“Em artigo recentemente publicado pelo professor Marcos Cintra no ‘Jornal da Tarde’ (1/11/2000), verifica-se que os brasileiros são forçados a pagar cerca de 35% de impostos nos alimentos que consomem - enquanto a média internacional é de apenas 7%. Isso é um verdadeiro absurdo! Um país que tem tantos recursos naturais e tanta capacidade de produzir safras agrícolas (...). *A gula tributária* parece que não tem fim”

Nos textos 1 e 2, ambos exemplos de nichos metafóricos, examinaremos como a cadeia lexical, formada, em grande parte, por nomes-núcleos metafóricos, implica mapeamentos *online* que promovem, na progressão textual, clara orientação argumentativa.

4. A METÁFORA NA TESSITURA DISCURSIVA: CONSTRUINDO OBJETOS DE DISCURSO

No exemplo de nicho metafórico a seguir (Texto 1), um longo fragmento de um editorial publicado em fevereiro de 2017, no jornal *The New York Times*, o autor tece um ponto de vista que conduz toda a argumentação do texto: a administração de Donald Trump, o objeto de discurso que está sendo construído, tem sido caracterizada pelo que pode ser concebido como uma “desordem”.

Texto 1: Um mês com Trump

Um mês com Trump: reviravoltas e turbulências para o 45º Presidente⁴
WASHINGTON - Um mês depois da posse, o trecho da Avenida Pensilvânia, em frente à Casa Branca de Donald Trump, é ainda um canteiro de obras abandonado. Os esqueletos das arquibancadas feitas para a posse e muitas tábuas soltas se espalham pelo chão, atrás de linhas tortas feitas por cercas metálicas quebradas.
A desordem do lado de fora da porta da frente do presidente, embora não seja sua culpa, serve como uma metáfora para o tumulto que ainda se desenrola no interior.
Quatro semanas depois, o homem que diz ter herdado “uma bagunça” em casa e no exterior está presidindo uma Casa Branca que é amplamente descrita como sendo uma bagunça.
Em um ritmo impressionante, Trump tem deixado líderes mundiais e aliados frustrados. Ele recebeu um duríssimo golpe jurídico em uma de suas propostas políticas. Ele perdeu seu conselheiro de segurança nacional e seu secretário de trabalho devido a escândalos. Ele viu forças dentro de seu governo se posicionarem contra suas políticas e vazarem informações confidenciais. Tudo isso aconteceu em meio a um fluxo contínuo de revelações sobre uma investigação do FBI sobre os contatos de sua campanha com oficiais de inteligência russos.

As acepções de “desordem”, conceito central explorado no texto, que aparecem no site de busca GOOGLE⁵, são as seguintes:

⁴ Disponível em <<https://www.nytimes.com/aponline/2017/02/18/us/politics/ap-us-a-month-of-trump.html>>: Acesso 01 Mar. 2017. Tradução do original em inglês pelo autor.

⁵ Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=desordem+defini%C3%A7%C3%A3o&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b-ab&gws_rd=cr&ei=YX25WKGpBoakjwSCorWYAw#q=desordem+&*>>. Acesso em 01 Mar. 2017.

desordem

substantivo feminino

1. ausência de arrumação, de organização (falando de objetos, de coisas).
"uma casa em d."
2. falta de lógica; incoerência, desvario.
"d. de pensamento"
3. falta de regularidade; desigualdade, desarmonia.
"a d. de seus gestos"
4. desarranjo resultante de má administração, de má gestão.
"a d. das finanças"
5. ausência ou ruptura da ordem (num grupo, numa coletividade etc.); agitação, indisciplina.
"têm ocorrido graves d. em algumas capitais do país"
6. perturbação da ordem; briga, rixa, tumulto, confusão.
"nada de sério, apenas uma d. no interior do bar"

Origem

- ETIM *des-* + *ordem*

A primeira acepção, como é muito comum em vários dicionários, se refere ao que é considerada a definição básica do termo, ou seja, o seu sentido mais concreto. As outras cinco acepções podem ser consideradas como sendo usos metafóricos do termo. No Texto 1, a desordem referente a um canteiro de obras abandonado estaria relacionada à “ausência de arrumação, de organização, com relação a objetos e coisas” (acepção 1). Uma possível imagem prototípica desse conceito, ou seja, de seu *frame* offline no contexto brasileiro está mostrada na Figura 1:

Figura 1: Canteiro de obras abandonado⁶



Canteiro abandonado na Lagoa Serena

O canteiro de obras a que o autor se refere, além do fato de pertencer ao contexto norte-americano e, portanto, ser possivelmente um pouco diferente daquele

⁶ Fonte: <http://www.saocarlosdiaenoite.com.br/webse/cidade/35323-moradores-reclamam-de-canteiro-de-obras-abandonado-na-lagoa-serena>. Acesso em 02 Mar. 2017.

retratado na Figura 1, foi construído especificamente para a posse do presidente Donal Trump. Logo, as particularidades da obra mencionada são realçadas: haveria arquibancadas e cercas que, até o momento em que o artigo foi escrito, ainda não tinham sido retiradas, o que constituiria uma situação de abandono e, como consequência, desordem. Essa desordem “bem do lado de fora da Casa Branca”, que pode ser vista como sendo “literal”, é construída textualmente, como objeto de discurso: há esqueletos de arquibancada, tábuas soltas e linha tortas formadas por “cercas metálicas quebradas”. Os adjetivos “soltas”, “tortas” e “quebradas” são reforçados, lexicalmente, pelo uso do substantivo “esqueletos”, que, sendo usado metaforicamente, evoca os atributos de algo incompleto, de restos do que já foi “vivo” e, portanto, útil, mas que, no presente, para nada mais serve.

Essa rede lexical conduz uma perspectiva avaliativa negativa do canteiro de obras em foco – avaliação essa que é, logo depois no texto, projetada ou mapeada para o “lado de dentro da Casa Branca”. O mapeamento evidencia a metáfora situada (VEREZA, 2013a; 2013b) *desordem em canteiro de obras é desordem na administração do governo*, ancorada pela metáfora primária ESTRUTURA ABSTRATA É ESTRUTURA FÍSICA e/ou ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA. Da mesma forma, *frames* semânticos (FILLMORE, 2006) e culturais de natureza *offline* ancoram sociocognitivamente o encaminhamento de *frames online*.

De fato, além de representar um domínio-fonte cognitivamente eficiente para a projeção intencionada, uma vez que, no senso comum, “canteiro de obras abandonado” parece estar convencionalizado como um espaço típico de desordem, o canteiro específico possivelmente adquire um valor ainda mais eficaz, do ponto de vista do mapeamento pretendido, por estar situado bem “do lado de fora da porta da frente do presidente”. O domínio-alvo, por sua vez, seria justamente a desordem “no interior” da Casa Branca (uma metonímia para a administração de Trump). O contraste estabelecido, portanto, entre a desordem “de fora” (literal) e a “de dentro” (metaforicamente construída), ambas tão perto uma da outra, em oposição quase simétrica, garante, ironicamente, uma “ordem” bastante coerente para o encaminhamento cognitivo-discursivo de base metafórica.

Os elementos descritos (“tábuas soltas”, “esqueletos”, “linhas tortas”, “cercas quebradas”), que legitimam textualmente a “bagunça do lado de fora”, são, dessa forma, projetados para os elementos que legitimariam a “bagunça do lado dentro”: o golpe jurídico contra a política de imigração de Trump; a perda do seu conselheiro de segurança nacional e do secretário de trabalho; o vazamento de informações confidenciais e as revelações sobre uma investigação do FBI sobre possíveis contatos com os russos durante a campanha presidencial.

Dos elementos do canteiro de obras, em seu conjunto, mapeia-se aquilo que produz o efeito de desordem, que é o que é realçado na projeção (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]), além da negatividade (avaliação negativa), que também é projetada como conotação dos elementos, transcendendo a sua denotação (como é o caso do uso da metáfora no discurso, de uma maneira geral (FIORIN, 2018)) Dessa forma, da obra, não são selecionados o seu possível resultado e/ou produto, mas apenas aquilo que, entregue ao abandono, causa um aspecto de desordem, de

bagunça (“*mess*”, no original), que é o atributo que se quer imputar discursivamente à administração Trump. E nisso parece estar o cerne da construção do objeto de discurso tecida textualmente por meio da linguagem metafórica.

Como argumenta Lakoff (1980 [2002]), a semelhança entre os domínios envolvidos em uma metáfora não é dada *a priori*; é a própria metáfora que cria a semelhança. Afinal, tábuas espalhadas e esqueletos de arquibancadas não se assemelham, de fato, aos episódios que marcaram o primeiro mês do governo do 45º presidente norte-americano. Inferir, no entanto, que a desordem (uma de base concreta, outra de base abstrata) é que estabelece a semelhança não parece suficiente, segundo Carston (2002), para explicar o sucesso da analogia. O autor propõe que, para que isso aconteça no nível da interpretação online, seria necessário que houvesse representações mais estáveis no sistema conceptual que pudessem ancorar tal mapeamento. No texto em pauta, parece plausível se pensar que, além dos *frames* acionados sobre canteiros de obra e “turbulências” no mundo dos homens, as metáforas primárias mencionadas anteriormente (ESTRUTURA ABSTRATA É ESTRUTURA FÍSICA e ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA) e o uso metafórico, já convencionalizado, de “desordem” licenciariam o mapeamento pretendido.

Em relação a esse último fator – a convencionalidade do uso metafórico de “desordem”, realizamos uma breve pesquisa em um corpus do português⁷, em que 6947 ocorrências foram encontradas para “desordem”. Essas foram apresentadas com seus colocados, permitindo, assim, uma identificação de usos literais ou metafóricos, com base nas acepções elencadas no dicionário utilizado nesse trabalho para a definição de “desordem”.

Das cem primeiras ocorrências, apenas doze apresentam o sentido mais básico de “desordem” (Ex: *Acabe com a bagunça A desordem* é uma de as principais barreiras de produtividade. Se você não encontra suas coisas.). Nas outras 88 ocorrências, o item lexical “desordem” é usado com sentidos metafóricos, envolvendo (a) sistemas e relações abstratas entre pessoas, entidades etc. (Ex: *Em meio ao caos e desordem* social, uma onda de anarquia se seguirá levando a uma assombrosa hostilidade); e (b) estados mentais/psíquicos ou emocionais (Ex: *desde 1999, rejeitam a classificação de a homossexualidade como doença ou desordem* psíquica). Esses dados, por mais tímidos que sejam, reforçam a plausibilidade de se pensar o uso metafórico de “desordem” como sendo largamente convencional, o que, na perspectiva da linguística cognitiva, sugere a existência de um *frame* semântico (FILLMORE, 2006) mais estável que contemple esse sentido advindo *do* uso (BYBEE, 2010) e que, ao mesmo tempo, *no* uso é evocado.

Além dessa ancoragem conceptual, com base em instâncias cognitivas mais estáveis, pode se perceber, também, o importante papel da construção textual do objeto de discurso que, por meio de processos de referenciação, contribui

⁷ <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Corpus com 1 bilhão de palavras, sendo que a maior parte dos corpora, retirado da WEB, é do português do Brasil.

significativamente para o encaminhamento *online* da projeção metafórica na progressão textual. As relações anafóricas indiretas e associativas, de natureza meronímica (RONCARATI, 2010, p. 148), estabelecidas, inferencialmente, entre (a) esqueletos das arquibancadas, tábuas soltas, linhas tortas, cercas metálicas quebradas e o referente “canteiro de obras” (representando esse uma cena prototípica de “desordem”) e (b) o golpe jurídico, a perda do conselheiro e do secretário de trabalho, o vazamento de informações, as revelações sobre contatos com os russos e o referente hiperônimo “bagunça” (na Casa Branca), retomado, mais adiante, pelo encapsulador “tudo isso”, em “*Tudo isso* aconteceu [...]”, contribuem para o fluxo e a eficácia argumentativa dos mapeamentos.

Texto 2: Morte anunciada

TEXTO 2: Morte Anunciada⁸

[...]

A erupção vulcânica da Lava-Jato continua emitindo magma abundante a altíssimas temperaturas.

As lavas derramadas pelas delações premiadas descem as encostas partidárias, ameaçando carbonizar biografias por práticas degeneradas da Velha Política. Além das 77 delações da Odebrecht já homologadas, devem jorrar em breve jatos de uma nova vertente anunciada por Eike Batista.

Um importante delator assegurou-me, em acidental conversa de ponte aérea, que a Velha Política morre em 2017.

O Texto 2, fragmento de um editorial de seção *Opinião*, de um jornal de circulação nacional, se configura como um nicho metafórico, cuja temática, introduzida figurativamente logo no primeiro período, seria os efeitos da Operação Lava-Jato em um determinado segmento da classe política brasileira. A avaliação largamente negativa acerca desse segmento, pressuposta no texto, é marcada pelos predicadores “velha”, em “Velha Política”, no sentido de estar ultrapassada; e “degenerada”, que qualifica as práticas características dessa classe de políticos.

O que interessa ao presente trabalho, no entanto, é como o referente (os efeitos da Lava-Jato na classe política) é construído como objeto de discurso, tendo como recurso de textualização a linguagem metafórica. A metáfora situada *a operação Lava-Jato é uma erupção vulcânica* é o fio condutor cognitivo-discurso dessa construção. A teia lexical, formada pelos elementos do *frame* “erupção vulcânica”, nomes-núcleos metafóricos, (“magma abundante”, “altíssimas temperaturas”, “lavas derramadas”) e sintagmas verbais, semanticamente associados a esses nomes e ao *frame* que evocam (“descem as encostas”, “jorrar em breve jatos”), além de garantir coesão lexical, explora os efeitos da “devastação” causada por esse fenômeno natural. O quadro 2 esquematiza esse mapeamento.

⁸ *Morte anunciada*. Paulo Guedes. Jornal **O Globo** 06-02-2017, p. 15.

Quadro 2: Mapeamento *online* e seus elementos

Desastre natural (domínio fonte)	“Desastre” na política (domínio alvo)
Magma/lava	Delações premiadas
Encostas do vulcão	Partidos
Vidas perdidas no desastre	extinção de “práticas degeneradas”(Velha Política)

Esse cenário textualmente construído evoca fartamente o *frame offline* de uma erupção vulcânica, que pode ser imagetivamente representado na Figura 2, possivelmente prototípica do fenômeno. Os efeitos de sentido de se evocar esse *frame*, com todas suas conotações de calor, fogo e destruição, no processo de referenciação se explicam, em grande parte, por dois postulados de base da linguística cognitiva: a cognição corporificada e o experiencialismo (JOHNSON, 1987), que ressaltam a experiência sensorio-motora como fonte de conceptualizações, em conjunto com o contexto sociocultural. Um texto, portanto, que desenvolve sua argumentação explorando metáforas linguísticas, amparadas cognitivamente em conceptualizações de base corpórea, parece ter um grande potencial na realização de sua função interpessoal (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Figura 2: Erupção vulcânica⁹

Para usarmos figura similar, a metáfora, no Texto 2, jorra suas lavas em várias direções, levando o seu efeito hiperbólico a altas temperaturas, descendo as encostas do texto como um todo. Porém, ao contrário do efeito fatal na Velha Política (“a Velha Política *morre* em 2017”), a erupção causada pela metáfora no texto o torna cognitivamente mais “vivo”, por detalhar os elementos do *frame offline*.

⁹ Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/ambiente/qual-foi-a-pior-erupcao-vulcanica-da-historia/>>. Acesso em 01 Mar.2017.

Desastres naturais são frequentemente usados como domínios-fonte para se referir a crises políticas, econômicas e, até mesmo, pessoais. É famosa, por exemplo, a resposta do ex-presidente brasileiro Lula, quando, ao desconstruir a metáfora do “tsunami”, como referência à crise econômica de 2007, a chamou de “marolinha”. Uma pesquisa comparativa (entre inglês e sérvio), desenvolvida por Silaski e Durovic (2011), revelou que essa mesma crise foi fartamente construída como objeto de discurso por meio de uma “tempestade” de metáforas pertencentes ao *frame* mais geral “desastre natural”, domínio- fonte da metáfora conceptual **CRISE É DESASTE NATURAL**. As autoras identificaram metáforas com terremotos, dilúvios, enchentes, vendaval e, tal como no caso aqui estudado, vulcões:

A crise é conceptualizada como uma força destrutiva que altera totalmente a paisagem, deixando fluidos de lava, gases venenosos e cinzas. As metáforas com vulcão servem ao objetivo de retratar metaforicamente a crise econômica como energia irrestrita, a partir do interior, que uma vez liberado, causa enorme devastação. (SILASKY; DUROVIC, 2011, p. 241, nossa tradução)

As pesquisadoras defendem que, além da intensidade da hipérbole, há um outro efeito ideológico no uso de metáforas que evocam “forças naturais”: as crises são vistas como tendo causas não-humanas. A “despersonificação” evoca uma conotação de inevitabilidade, apagando o fato de que crises econômicas acontecem como consequência de políticas e decisões humanas, e não de desastres naturais. Segundo elas, a escolha de metáforas que têm como base a **FORÇA DA NATUREZA** pode esconder o fato de que a crise econômica global teria sido um “desastre” causado pelo comportamento econômico imprudente de quem faz as políticas econômicas, o que pode gerar um sentimento de impotência por parte de quem sofre as consequências dessa mesma crise (p. 243).

O desastre natural do Texto 2, evocado na construção do objeto de discurso “efeitos da Lava-Jato”, parece ter efeito similar. Mesmo não se tratando de crise econômica, mas política, a Lava-Jato surge no texto como uma “força da natureza” que, “emitindo magma abundante a altíssimas temperaturas”, descendo as “encostas partidárias” e “carbonizando biografias”, irá devastar os inimigos da Velha Política, caracterizados por suas “práticas degeneradas”. A Lava-Jato, sendo uma força natural, não emerge como uma iniciativa dos homens (justos ou não, certos ou errados), mas talvez como uma vingança da própria natureza, que transcende as possíveis limitações da justiça no mundo dos homens.

5. O RISCO DA METÁFORA AO REVELAR E ESCONDER

Uma característica cognitivo-discursiva dos Textos 1 e 2 é o mapeamento online, por meio do qual os autores explicitam elementos específicos do domínio-fonte da metáfora situada que consideram relevantes para ambas a construção do objeto de discurso e o encaminhamento do ponto de vista a ser argumentado. No caso do Texto 1, as tábuas soltas, os esqueletos de arquibancadas, as linhas tortas e as cercas quebradas detalham o *frame* evocado, reforçando o aspecto de

“desordem” de um canteiro de obras abandonado. Além disso, esses elementos seriam projetados para elementos do cenário-alvo (a administração Trump) a serem descritos a seguir no texto: os fatos que causaram turbulência no governo, levando à “desordem interna”.

No Texto 1, muitos dos elementos que participam de uma erupção de um vulcão são, da mesma forma, explicitados. Nesse caso, os elementos são projetados para elementos do domínio-alvo da metáfora situada: lavas = delações premiadas; encostas do vulcão = partidos; vidas perdidas no desastre = biografias de políticos – metonímia para a própria vida. A centralidade do referente implícito (CAVALCANTE, 2009) “desordem” (desordens literal e metafórica), no primeiro texto, é substituída pela centralidade do referente “destruição” (destruições literal e metafórica), no segundo. O mapeamento textualmente construído conduz, de alguma forma, a interpretação da metáfora intencionada. Mesmo sabendo que o uso de metáforas, principalmente as mais criativas, sempre implica um ato de risco, por estar no campo da conotação (FIORIN, 2008) e, portanto, de maior indeterminação, o produtor de um nicho metafórico normalmente oferece o mapeamento já com projeções mais explicitadas, para que a metáfora se realize, uma vez que, frequentemente, a função do nicho é primordialmente argumentativa (VEREZA, 2013b). Assim, caso a metáfora não se realize cognitiva e discursivamente como suporte de um determinado ponto de vista, esse ponto de vista dificilmente encontrará eco na interlocução.

No entanto, fora do ambiente textual característico de nichos metafóricos, ou seja, sem um amparo cognitivo textualmente elaborado, o uso da metáfora na construção de objetos de discurso, ao depender apenas de (a) o grau da convencionalidade da metáfora; (b) a existência de conhecimento enciclopédico (CARSTON, 2002) acerca do domínio-fonte – incluindo os elementos do *frame* e as conotações; e (c) aspectos contextuais ou pragmáticos – incluindo aqueles relativos ao gênero discursivo (DIENSTBACH, 2016), pode incorrer em risco interpretativo, trazendo consequências inesperadas.

Em Vereza (2016), esses possíveis efeitos foram investigados a partir do uso, por parte de um político conhecido, do domínio-fonte CRISTO em metáforas situadas, mas sem uma sustentação provida por uma rede explícita de mapeamentos que pudesse indicar quais elementos desses domínios estariam em jogo na metáfora utilizada (*X é Cristo*), por conta do seu efeito no ponto de vista pretendido, e quais seriam eclipsados na projeção. Um estudo de vários comentários publicados na Internet, como resposta a esse enunciado, mostrou que houve uma reação negativa muito forte nas redes sociais, uma vez que elementos do *frame* “Cristo” – tais como “sagrado”, “santidade” e “pureza” – foram evocados, quando o elemento possivelmente pretendido no mapeamento parecia – pelo contexto do enunciado – ter sido apenas “alto grau de sofrimento”.

Processo semelhante parece ter acontecido a partir de um comentário (Texto 3) publicado pelo Presidente Donald Trump, em seu perfil no Twitter, referindo-se ao fato de a imprensa ter revelado alguns relatos (não substanciados, segundo o presidente) que envolviam informações pessoais sobre ele e que estariam sob a posse do governo russo.

Texto 3: Tweet de Donald Trump ¹⁰

“Eu acho que é uma desgraça, e eu digo que isso é algo que a Alemanha Nazista pode ter feito, e realmente fez”.

Segundo o jornal *The New York Times*, o presidente despejava a sua fúria não apenas na imprensa, mas, principalmente, nas agências de inteligência americanas, por terem deixado vaziar o que ele chamou de “*fake news*” (ou “notícias falsas”).

Um efeito supostamente inesperado, no entanto, foi a reação de muitas pessoas da comunidade judaica americana, por terem interpretado a menção ao Nazismo como uma ofensa às vítimas do Holocausto. Segundo o jornal *The New York Times*, “ele não apenas estava se comparando às vítimas da perseguição nazista, mas também chamando as agências americanas de inteligência de nazistas” (nossa tradução). O jornal ainda comenta o fato de que, em relação ao *tweet* postado, além do efeito político negativo da mensagem entre membros da comunidade judaica, teria havido um equívoco por parte do presidente:

Embora a brutalidade da polícia secreta da Alemanha nazista, a Gestapo, seja quase um consenso, o Sr. Trump, em sua mensagem, pode ter invocado a Alemanha errada. O Ministério Comunista da Alemanha Oriental para a segurança do Estado, comumente conhecido como Stasi, tornou-se lendário entre as agências de inteligência por sua rede de informantes e atividades de vigilância totalitária. (*New York Times Online*¹¹, 18/02/2107. Nossa tradução.)

Temos então, aqui, um exemplo de possíveis efeitos inesperados na utilização de metáforas situadas; no caso específico: *agência de inteligência americana é Alemanha Nazista* (como metonímia de *agência de inteligência da Alemanha Nazista*). Em primeiro lugar, de acordo com o mesmo jornal, invocasse “a Alemanha errada”. Ou seja, não haveria conhecimento enciclopédico suficiente sobre o domínio-fonte para que houvesse minimamente algum sucesso no encaminhamento argumentativo pelo viés da metáfora. Isso dependeria, no entanto, de qual elemento estaria sendo mapeado: a (in)eficiência de agências de inteligência da Alemanha (no caso, a Oriental) ou o autoritarismo e/ou a tirania da Alemanha (no caso, a Nazista)? Em segundo lugar, tanto num caso como no outro, a tirania da Alemanha Nazista, que levou a atrocidades contra os judeus, culminando no Holocausto, não parece ter sido um elemento do domínio-fonte a ser realçado no mapeamento, pela sua aparente não-relevância na construção do objeto de discurso.

No entanto, sem um corpo textual, como no caso dos dois nichos metafóricos analisados neste trabalho, que possa abrigar mapeamentos específicos necessários para que a metáfora possa se situar cognitivo-discursivamente, conferindo coerência à construção do objeto de discurso e força argumentativa ao ponto de vista

¹⁰ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/aponline/2017/02/18/us/politics/ap-us-a-month-of-trump.html>>. Nossa tradução.

¹¹ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/aponline/2017/02/18/us/politics/ap-us-a-month-of-trump.html>>. Nossa tradução.

pretendido, a provável vagueza resultante pode ser preenchida com mapeamentos não intencionados. Para interlocutores cristãos, por exemplo, metáforas a partir do domínio-fonte CRISTO deveriam ser circunscritas ao elemento a ser realçado, por meio de explicitações dos mapeamentos específicos intencionados. Caso não o sejam, outros elementos, mais convencionais e subjetivamente mais salientes, podem ser projetados, causando reações antagônicas (VEREZA, 2016). Do mesmo modo, o uso de metáforas com “Hitler” e “Nazistas” deve ser sensível às ideologias dos interlocutores, por meio da explicitação dos elementos envolvidos na projeção pretendida, caso não se queira correr o risco de causar um efeito de ofensa (se isso for, de algum modo, relevante àquele que produz a metáfora). Aqui, a máxima conversacional de “quantidade” (GRICE, 1982) parece ser pertinente do ponto de vista tanto pragmático quanto cognitivo – assumindo-se que não haja, de fato, essa dicotomia – no processo de referenciação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui propostas tiveram como objetivo central a articulação entre as dimensões cognitiva e discursiva da linguagem figurada em uso, tendo como fio condutor o papel da metáfora na construção de objetos de discurso, ou seja, no processo de referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003).

Nos dois primeiros textos analisados, que podem ser caracterizados como nichos metafóricos, de acordo com a definição apresentada na seção 2 deste trabalho, pudemos observar objetos de discurso sendo construídos a partir de um detalhamento dos elementos do domínio-fonte evocado. A cena cognitivo-textual, criada a partir da introdução desses referentes, pode ser abordada como um *frame online*. Mesmo sendo episódicos e situados naqueles eventos discursivos em particular, os *frames online*, responsáveis em grande parte pela referenciação, são articulados a representações cognitivas mais estáveis, como metáforas conceptuais e *frames offline* (de natureza tanto linguística, quanto conceitual e enciclopédica (CARSTON, 2002)).

Outro ponto que pode ser observado é a interdependência entre as funções ideacionais e interpessoais (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) dos *frames online* dos nichos investigados. Ou seja, em um enquadre ideacional, o objeto de discurso é construído visando a compreensão de um dado fenômeno teórico, técnico ou científico, podendo ser didaticamente apresentado por meio de uma metáfora estendida (CAMERON, 2003; OSWALD; RIHS, 2013). Mesmo compartilhando a visão que todos os textos são caracterizados por argumentatividade (argumentação intrínseca ao uso da linguagem, KOCH, 2000), ou por um dado posto de vista (VAN EEMEREN; GROOTENDORST e HENKEMANS, 2002), há gêneros discursivos argumentativos que são mais claramente avaliativos do que outros. Este é o caso dos dois primeiros textos aqui abordados; afinal, ambos fazem parte de editoriais publicados em cadernos de opinião de jornais. Há no *frame* de um editorial a expectativa de uma argumentação, textualmente desenvolvida, em direção a uma dada opinião: “A administração Trump está uma desordem,

como um canteiro de obras abandonado”; “A Lava-Jato, como uma erupção de um vulcão, está destruindo a Velha Política” - e isso seria positivo, como vimos anteriormente, de acordo com as conotações que podem ser inferidas no texto. Ou seja, a função interpessoal (argumentativa, avaliativa) dos *frames online*, tecidos no nicho metafórico, fica evidente nos textos aqui tratados.

O risco interpretativo de uma metáfora situada, sem a devida ancoragem de mapeamentos que especifiquem os elementos a serem projetados, foi também tratado neste trabalho. Os efeitos de sentido promovidos a partir de eventos discursivos nunca estarão nitidamente determinados. Por mais que nosso pensamento e linguagem sobre a comunicação pressuponham a metáfora do canal (REDDY, 1993), a partir da qual o que falamos deveria coincidir exatamente com aquilo que o receptor da transmissão compreende, a comunicação, de fato, parece se dar muito mais proximamente da “metáfora dos construtores”: nunca teremos total controle sobre aquilo que será compreendido pelo outro. Apesar disso, os nichos metafóricos, pela teia que constroem, parecem, de alguma forma, intervir no grau dessa indeterminação. Sem o seu apoio cognitivo-discursivo, o objeto de discurso construído se abre, ainda mais amplamente, à multiplicidade de interpretações.

No final de nosso caminho, observamos que a articulação aqui pretendida pode se configurar como um projeto bastante amplo, por buscar uma visão mais integrada da linguagem metafórica em uso, em que o paradigma cognitivista, com seus conceitos próprios, como *frames e metáforas conceptuais*, dialoga com o textual, também com seus conceitos próprios, como referênciação, objetos de discurso e referentes, e até mesmo com o mais discursivo, ligado a fatores pragmáticos e contextuais, como as funções da linguagem figurada. No entanto, uma vez que os estudos recentes da metáfora abrem suas portas para a investigação da metáfora em uso, sem querer abrir mão de sua dimensão cognitiva, os desafios investigativos se tornam ainda mais numerosos e complexos, requerendo um olhar interdisciplinar para apoiar as reflexões por eles motivadas. O estudo da metáfora na referênciação, dentro dessa perspectiva, parece ser um campo bastante promissor para se explorar esse desafio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLACK, Max. *Models and metaphors*. Cornell: Cornell Univeristy Press, 1962.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAMERON, Lynne. *Metaphor in educational discourse*. London: Continumm, 2009.
- CAMERON, Lynne; MASLEN, Robert (Orgs.). *Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities*. Londres: Equinox, 2010.
- CARSTON, Robyn. *Thoughts and Utterances*. Oxford: Blackwell, 2002.

- CARVALHO, Sérgio Nascimento. A guerra nas palavras: uma análise crítica da metáfora conceptual na retórica do Presidente George W. Bush e de seus colaboradores. In: VEREZA, Solange (Org.). *Sob a ótica da metáfora*. Niterói: EDUFF, 2012.
- CAVALCANTE, Monica Magalhães. Referenciação e uso. In LEFFA, V. (Compilador), *TELA*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional da Abralin, 2009.
- CHARTERIS-BLACK, Jonathan. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. Nova York: Palgrave, 2004.
- DONATO, Lucia. *O macaco, a banana e o preconceito racial: Um estudo da metáfora no discurso*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos de Linguagem. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016.
- FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter. 2006, p. 373-400.
- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GENETTE, G. A retórica restrita. In: COHEN, J., BREMOND, C., KUETZ, P. e GENETTE, G. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Editora Vozes. 1975, p. 129-146.
- GIBBS, Raymond. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: GIBBS, Raymond; STEEN, Gerard. *Metaphor in Cognitive Linguistics: selected papers from the 5th International Cognitive Linguistics Conference*. Amsterdam: John Benjamins. 1999, p. 145-159.
- HALLIDAY, Michael e MATTHIESSEN, Cristian. *An Introduction to Functional Grammar*. Oxford: OUP, 2004.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- KOCH, Ingedore Villaça. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Caderno de Estudos Linguísticos*, n. 41, 2001, p. 75-79.
- KOCH, Ingedore Villaça. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, G.; SILVA, F.; FIGUEIREDO, O. (Orgs.). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. 1.ed. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2006, p. 263-276.
- KOCH, Ingedore Villaça. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos de discurso. *Revista Veredas*. Vol. 6, n. 1, 2009, p. 29-42.
- KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor and culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LAKHWANI, MONICA; ST. CLAIR, ROBERT. Communicating in English with Baseball Metaphors. *Intercultural Communication Studies*, n. 23: 3, 2014, p. 164-171.
- LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In ORTONY, Andrew (Org.) *Metaphor and Thought* Cambridge: CUP, 1993.
- LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução do Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Editora da PUC-SP, 2002.
- MONDADA, Lorenza; Danièle DUBOIS. Construção de objetos-de-discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Monica Magalhães; BIASI, Bernadete Rodrigues, e CIULLA, Alena (orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto. 2003. p. 17-52.
- MALTA, Flávia Santoro. *A construção metafórica na mulher nas capas do jornal Meia-Hora*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2005. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I.V., MORATO, E. e BENTES, A.C. (Org.), *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto. 2005. p. 51-101.
- MOURA, Heronides; VEREZA, Solange ; ESPÍNDOLA, Lucienne. Metáfora e contexto: entre o estável e o instável. *Interdisciplinar*. v.17, 2013, p. 177-199.
- OSWALD, Steve; RIHS, Alain. Metaphor as Argument: Rhetorical and Epistemic Advantages of Extended Metaphors. *Argumentation* 28, 2013, p.133–159.
- REDDY, Michael. J. The conduit metaphor : a case of frame conflict in our language about language. In A. Ortony (Org.). *Metaphor and thought* (2ª ed). Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- RICHARDS, Ivor. *The philosophy of rhetoric*. London: Oxford University Press, 1936.
- RONCARATI, Cláudia. *As Cadeias do Texto: construindo sentidos*. São Paulo: Parábola, 2010
- SEMINO, Elena. *Metaphor in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- SILASKI, Nadeska.; DUROVIC, Tatjana. The NATURAL FORCE metaphor in the conceptualisation of the global financial crisis in English and Serbian. *Zbornik Matice srpske za filologiju i lingvistiku*, 54(1), 2011, p. 227–245.
- STEEN, Gerard. Metaphor in applied linguistics: four cognitive approaches. *D.E.L.T.A.* v. 22, n. especial, 2006, p. 21-44.
- STEEN, Gerard. What does ‘really deliberate’ really mean? More thoughts on metaphor and consciousness. *Metaphor and the Social World*, v.1, n. 1, 2011, p. 53-56.
- UNDERHILL, James. *Creating worldviews: metaphor, ideology and language*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2013.
- VAN EEMEREN, F. H., GROOTENDORST, R. e HENKEMANS F. S. *Argumentation: analysis, evaluation*. New York : LEA, 2002.
- VEREZA, Solange. **Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva**. *Linguagem em (Dis)curso- LemD*, v. 16, n. 3, 2016, p. 561- 573.

- VEREZA, Solange. *Mal comparando...: os efeitos argumentativos da metáfora e da analogia numa perspectiva cognitivo-discursiva*. *Scripta*, v. 20, n. 40, 2016. p. 8-35.
- VEREZA, Solange. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55, n. 1, 2013a, p. 108-124.
- VEREZA, Solange. Discourse, cognition and figurative language: exploring metaphors in political editorials. In: SILVA, Augusto Soares *et al.* *Comunicação Política e Económica: Dimensões Cognitivas e Discursivas*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia Universidade Católica Portuguesa, 2013b, p. 383-394.
- VEREZA, Solange. *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: EDUFF, 2012.
- VEREZA, Solange.; VIEIRA, Roberta. Metáfora e referenciação em nichos metafóricos. IN: FELTES, Heloisa Pedroso de Moraes; GOMES, Languisner. *Entre mesclas e metáforas: nos labirintos da geração do sentido*, Caxias do Sul: Educ. 2012, p.53-72.
- ZINKEN, Jörg. Discourse metaphors: the link between figurative language and habitual analogies. *Cognitive Linguistics*. v. 18, n. 3, 2007. p. 445-466.

Recebido: 06/03/2017

Aceito: 16/04/2017